

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS CURATORIAIS

Marlene Teresinha dos Santos Reinaldo

**A MULHER QUE HABITA EM NÓS:
Perspectivas da fotografia expandida realizada por artistas brasileiras contemporâneas.**

Porto Alegre
2022

Marlene Teresinha dos Santos Reinaldo

A MULHER QUE HABITA EM NÓS:

Perspectivas da fotografia expandida realizada por artistas brasileiras contemporâneas.

Trabalho de conclusão de curso de especialização apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Práticas Curatoriais.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Monteiro Schenkel

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Reinaldo, Marlene Teresinha dos Santos
MULHER QUE HABITA EM NÓS: Uma perspectiva da
fotografia expandida realizada por artistas
brasileiras contemporâneas. / Marlene Teresinha dos
Santos Reinaldo. -- 2022.
39 f.
Orientadora: Camila Monteiro Schenkel.

Trabalho de conclusão de curso (Especialização) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Práticas Curatoriais, Porto Alegre, BR-RS,
2022.

1. mulher. 2. fotografia. 3. expandida. 4. artista.
5. exposição. I. Schenkel, Camila Monteiro, orient.
II. Título.

RESUMO

A MULHER QUE HABITA EM NÓS: Perspectivas da fotografia expandida realizada por artistas brasileiras contemporâneas é um projeto curatorial que apresenta um recorte do que vem sendo produzido por mulheres fotógrafas artistas, que utilizam a fotografia expandida como processo de criação e como linguagem poética questões ligadas à mulher, na última década no Brasil.

O projeto pretende a realização de uma exposição virtual no primeiro semestre de 2022, no Espaço MAR (Movimento de Arte em Rede). A exposição apresenta os trabalhos de quatorze artistas de várias regiões do país, totalizando vinte e duas fotografias e um fotofilme.

Palavras-chave: mulher, fotografia, expandida, artista, exposição.

ABSTRACT

THE WOMAN WHO DWELLS IN US: Perspectives on expanded photography by contemporary Brazilian artists is a curatorial project that presents an excerpt of what has been produced by women photographers artists, who use expanded photography as a creative process and as a poetic language issues related to the women in the last decade in Brazil.

The project intends to hold a virtual exhibition in the first half of 2022, at Espaço MAR (Movimento de Arte em Rede). The exhibition presents the work of fourteen artists from various regions of the country, totaling twenty-two photographs and a photofilm.

Keywords: woman, photography, expanded, artist, exhibition.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	7
2. ARGUMENTO CURATORIAL	7
3. DETALHAMENTO	11
3.1. ARTISTAS E OBRAS - Eixo curatorial O Corpo como representação.....	11
3.1.1. ANDRÉA SELIGMAN	11
3.1.2. FRAN FAVERO	12
3.1.3. TAYNÁ ALCÂNTARA	14
3.1.4. VERA CARLOTTO	15
3.2. ARTISTAS E OBRAS – Eixo curatorial Memórias e ressignificações	16
3.2.1. JULIANA ARRUDA.....	16
3.2.2. ROSE AGUIAR.....	17
3.2.3. SONIA LOREN.....	18
3.3. ARTISTAS E OBRAS - Eixo curatorial Outras subjetividades.....	20
3.3.1. ANA SABIÁ.....	20
3.3.2. LÍVIA AULER	22
3.3.3. MARLENE REINALDO e ANA CLAUDIA FERNANDES.....	24
3.3.4. SANDRA GONÇALVES.....	25
3.3.6. URSULA JAHN	28
3.4. EXPOGRAFIA	29
3.5. PLANO DE DIVULGAÇÃO	33
3.6. ATIVIDADES PARALELAS	34
3.7. DESDOBRAMENTOS	35
4. TEXTO CURATORIAL.....	35
5. CONTRIBUIÇÃO AO CAMPO CURATORIAL	36
6. CONCLUSÃO	36
7. REFERÊNCIAS.....	38

1. APRESENTAÇÃO

A MULHER QUE HABITA EM NÓS: Perspectivas da fotografia expandida realizada por artistas brasileiras contemporâneas é um projeto curatorial que busca apresentar um recorte do que vem sendo produzido na última década no Brasil por mulheres artistas fotógrafas, que tenham a fotografia expandida como processo de criação e como linguagem poética questões ligadas a mulher.

O projeto pretende a realização de uma exposição virtual no primeiro semestre de 2022 no Espaço MAR (Movimento de Arte em Rede), um site que está sendo desenvolvido por mim e pelo artista visual e publicitário Marco Escada, voltado à divulgação de artistas do Brasil que tenham a fotografia como processo de criação. O Espaço MAR terá inicialmente uma galeria virtual com exposições coletivas e de longa duração, no mínimo três meses, para que os projetos curatoriais apresentados nesse espaço possam abrir possibilidades de diálogos sobre as obras apresentadas através de lives com artistas e a outros desdobramentos sobre os temas dos projetos curatoriais apresentados neste espaço, como debates, palestras e encontros virtuais com representantes da comunidade artística e intelectual brasileira. Para além de uma galeria virtual, o espaço pretende ser um local de trocas de experiências e fomento às artes visuais.

A exposição apresenta os trabalhos de quatorze artistas de várias regiões do país, nascidas entre 1951 e 1994 e naturais de várias regiões do Brasil, que vivem e trabalham nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Maranhão, totalizando a apresentação de vinte e duas fotografias e um fotofilme. A exposição ficará online por três meses e durante esse período serão realizadas duas palestras quatro encontro com as artistas.

2. ARGUMENTO CURATORIAL

O conceito curatorial está estruturado no trabalho de fotógrafas artistas brasileiras, que utilizam a técnica da fotografia expandida como processo de criação e a imagem da mulher no desenvolvimento da poética de suas obras. Parto então para uma reflexão sobre essas questões afim de argumentar como se estruturou esse pensamento curatorial.

Começo refletindo sobre o conceito de fotografia expandida criado na década de 1970 por Andrés Muller-Pohle crítico, fotógrafo e editor da revista *European Photography*. Para ele, o fazer fotográfico se estabelece numa série de intervenções. Articulado a esse conceito, Fernandes¹ considera como fotografia expandida os mais variados procedimentos técnicos de intervenções realizados na imagem, que busquem expandir os limites da fotografia enquanto linguagem e que apontem novos paradigmas estéticos. Dentre esses procedimentos podemos pensar na fotografia experimental, construída, manipulada, contaminada, híbrida, precária, entre outras, que são utilizadas dentro dos processos da criação artística contemporânea. Para ele:

A fotografia contemporânea é hoje um suporte para várias manifestações imagéticas que exigem do espectador uma capacidade de leitura diferenciada. Cada vez mais o que temos é a apresentação de uma ideia, de um conceito orquestrando o trabalho do artista, que propõe uma lógica processual para tentar despertar o espectador diante de milhares de imagens que somos expostos diariamente. (FERNANDES, 2006, pg. 15 e 16).

Dessa forma, aquilo que se conhecia por fotografia, como uma captura imagética do tempo passado, passa a receber uma nova perspectiva, a do tempo presente e futuro a partir de sua deriva ao status de arte. A fotografia expande seu campo de ação abrindo caminhos para uma perspectiva conceitual, subjetiva e autoral.

Para articular o argumento curatorial busco também refletir sobre papel da mulher na fotografia brasileira e amparo-me no livro *Mulheres Fotógrafas / Mulheres Fotografadas. Fotografia e gênero na América Latina*², para pensar que as mulheres estão presentes no mercado fotográfico desde o século XIX, inicialmente vinculadas à empresas familiares de fotografia e geralmente desenvolvendo tarefas de laboratório, retoque e colorização das fotos. Submetidas a um estrutura social patriarcal e machista algumas pioneiras abriram caminho para atuação das mulheres nesse campo, como Gioconda Rizzo, a primeira mulher a abrir um estúdio fotográfico no centros de São Paulo, em 1914 e Hermínia Nogueira Borges, que junto com seu

¹ Rubens Fernandes Junior é jornalista, curador e crítico de fotografia, doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, professor e diretor da Faculdade de Comunicação da Fundação Armando

² Livro que reúne textos de pesquisadores que participaram do I Seminário Internacional História da Fotografia: Mulheres Fotógrafas / Mulheres Fotografadas. Fotografia e gênero na América Latina, realizado no MAC USP, entre setembro e outubro de 2017.

marido João Nogueira Borges fundou o Photo Club Brasileiro, em 1923 no Rio de Janeiro. Seguiram nessa jornada as fotógrafas Nair Benedicto, Claudia Andujar, Vânia Toledo, Rosângela Renno, e todas as mulheres fotógrafas que compõem o cenário da fotografia brasileira contemporânea. Mas apesar de todos os avanços nessa área, o campo da fotografia ainda hoje é dominado majoritariamente pelos homens, quer seja dentro dos espaços expositivos, festivais, prêmios, fotoclubes, fotojornalismo, artes visuais, entre outros. A presença da mulher ainda não atingiu uma condição de igualdade nesses espaços, apesar da crescente busca das mulheres em utilizar essa linguagem como suporte para seu desenvolvimento artístico e para expressarem seu olhar sobre as coisas do mundo. Nesse sentido podemos pensar que:

Assim, quando se depara com fotógrafas mulheres e indaga-se sobre a existência de um olhar feminino, há que se lançar esse olhar, essa forma de ver nas condições de visão de mulher. É na experiência histórica de tornar-se mulher e de atuar como mulher no mundo social que esse olhar se forja. É no lançar-se no jogo da história e ao compartilhar um papel social que a condição de ser mulher evidencia-se nas figurações de gênero, não exclusivamente visuais. O olhar se torna engajado quando sujeito e objeto do olhar compartilham a mesma experiência, quando aquilo que eu vejo me olha e me reconheço nesse olhar. (ZERWES, 2021, pg. 50)

Ainda articulando esse argumento curatorial, reflito sobre a produção da fotógrafas artistas que utilizaram como linguagem poética o corpo da mulher na execução de suas obras. Percebe-se que as fotógrafas representam o corpo da mulher para além de um corpo sexualizado, mas sim como um corpo sensível e politizado. Através dele elas expressam inquietudes psicológicas, questionam discursos e paradigmas sociais, se posicionam politicamente, entre tantas outras formas de usar o próprio corpo ou o corpo de outras mulheres. Como exemplo, podemos pensar no trabalho da fotógrafa norte-americana Francesca Woodman³, que utilizava a fotografia expandida e a fotoperformance para expressar dubiedades a respeito do corpo e gênero, dando a ele outras singularidades e assim problematizar a sua representação. Nesse sentido podemos pensar que “Na arte, um corpo nunca é só um corpo. Um ideal de beleza nunca é só um ideal de beleza. Uma representação nunca é só uma representação. Uma mudança nunca é só uma mudança. Tudo se interliga. Tudo tem significado para além do aparente.” (BOZINOSKI, 2021). E é nesse espaço de criação que a fotografia expandida se torna uma ferramenta poderosa nos trabalhos

³ Francesca Woodman (Denver, 1958 – Nova Iorque, 1981) foi uma fotógrafa conhecida pela suas fotos preto e branco apresentando ela mesma ou modelos mulheres.

das fotografias artistas, pois ela amplia a linguagem fotográfica para além do instante, possibilitando construções poéticas que dão vazão à novas narrativas sobre a mulher contemporânea. Essas novas narrativas ajudam a desconstruir discursos instituídos por uma sociedade conservadora, machista e controladora, abrem lacunas por onde novos paradigmas sociais são articulados e reconhecidos.

Podemos pensar que, talvez nesse momento, a arte entra como catalizadora de discursos outros discursos que estejam depositados na tessitura das obras de artistas. E que o espectador ao ser tocado por essa obra, possa refletir sobre seus próprios discursos. É neste momento que entra a importância do curador ou curadora, pois ao pensar em como vai articular as obras de arte dentro do espaço expositivo, precisa estar ciente que para além de organizar questões de materialidade, precisa orquestrar uma narrativa curatorial que apresente os discursos e subjetividades que ela representa. Amparo-me em CHIODETTO para pensar que:

O discurso curatorial deve, portanto, se efetuar no delicado limite de conseguir problematizar certas questões para o espectador sem, no entanto, criar um direcionamento demasiado restritivo para a leitura da obra de arte, o que equivaleria a sequestrar sua polissemia inata. Algumas vezes, o excesso de didatismo pode ferir a livre fruição do imaginário do público. Em outras, a falta de didática implica na falta de generosidade em abrir portas de acesso. Nunca se deve sinalizar, de forma peremptória, uma única e restritiva direção, mas sugerir um caminho deixando claro que se trata apenas de uma possibilidade entre muitas outras. (CHIODETTO, 2013, pg. 15)

Por fim, para realizar a pesquisa curatorial dessa exposição me apoio nos conceitos apresentados acima e nos trabalhos de três artistas, que elenquei como obras disparadoras. Parto do trabalho *Tudo dança, transmutação* de Sandra Gonçalves, para pensar sobre as subjetividades que atravessam os discursos do que é ser mulher e de suas insígnias de lutas, como o vermelho que brota de suas imagens simbolicamente contra a opressão às mulheres. Também, me debruço sobre o trabalho *Eu em mim* de Vera Carlotto, que utiliza o autorretrato para representar conflitos internos como medos, dúvidas, inseguranças, entre tantos, que permeiam a psique da mulher. E por fim, acesso o trabalho *Coisas de família* de Rose Aguiar, para pensar nas mais variadas formas e processos abordados pelas artistas que trabalham com o álbum de família, dando novos significados a essas memórias.

3. DETALHAMENTO

Como resultado da pesquisa curatorial selecionei 23 fotografias e um fotofilme de 14 artistas e organizei em eixos curatoriais. Para melhor visualização de como essas obras estão organizadas, faço um breve relato sobre as artistas e seus trabalhos agrupadas por eixo curatorial.

3.1. ARTISTAS E OBRAS - Eixo curatorial O Corpo como representação

O corpo como representação traz imagens que utilizam o corpo da mulher para problematizar questões como: a busca do autoconhecimento, o apagamento dos papéis da mulher na esfera privada, a vergonha alheia, o enfrentamento dos traumas e a busca da cura, entre outras inquietações, que habitam alma da mulher.

3.1.1. ANDRÉA SELIGMAN

Andréa Seligman (1970) é artista visual e arquiteta natural de Porto Alegre/RS, onde reside e trabalha. É Graduada em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (2000) e Graduada em Publicidade e Propaganda, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1996). Tem participado ativamente da cena artística contemporânea através de exposições coletivas e individuais realizadas no Brasil, França e Portugal.

Na construção poéticas das imagens, utiliza o autorretrato como forma de expressar suas angústias e questionamentos particulares. A artista trabalha com fotografias autorais e compradas em bancos de imagens, que são editadas no celular utilizando o aplicativo Snapseed para fazer a sobreposição das imagens.

Para compor o eixo temático *O corpo como representação* foram selecionadas as imagens intituladas *Vestígios de um amor imaginário* e *Coragem*, que são resultado de uma pesquisa da artista na utilização do autorretrato como processo catalizador de suas emoções. Andréa diz que: “As imagens foram construídas com o objetivo de uma busca pessoal por autoconhecimento.”. As obras podem ser impressas em tamanhos variados.

Obras selecionadas:



Andréa Seligman
(Porto Alegre, 1970)

Coragem, 2022

Tamanho: 40 x 60 cm

Técnica: Fotografia com sobreposição de imagem



Andréa Seligman
(Porto Alegre, 1970)

Vestígio de um amor imaginário, 2022

Tamanho: 120 x 80 cm

Técnica: Fotografia com sobreposição de imagem

3.1.2. FRAN FAVERO

Fran Favero (1987) é artista visual natural de Chopinzinho/PR e atualmente vive e trabalha como professora colaboradora no Departamento de Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, em Florianópolis/SC. Mestre em Artes Visuais (2019) e Graduada em Artes Visuais (2015) pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, com intercâmbio acadêmico em Bacharelado em Artes Visuais e Midiáticas na Université du Québec à Montréal (UQÀM), Montréal, Canada (2013/2015). Bacharel e Licenciada em Ciências Biológicas (2009) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Fran utiliza como meios para apresentar o seus trabalhos a fotografia, vídeos, instalações, intervenções e publicação de artista. Como poética seu trabalho percorre as fronteiras dos corpos, línguas, memórias e territórios para construir narrativas

simbólicas que transitam também, pelo apagamento das mulheres em determinados discursos contemporâneos.

Foram selecionadas duas imagens do trabalho *Jardins* para compor o eixo temático *O corpo como representação*. Nele, a artista apresenta fotografias de mulheres sem rosto posando em jardins, local limítrofe entre o público e o privado e traça uma analogia do apagamento dos vários papéis que tecem a mulher na esfera privada, a partir da exclusão da sua identidade nas imagens. As fotografias foram produzidas com a técnica de colagem digital e impressas no tamanho 50 x 75 cm.

Obras selecionadas:



Fran Favero
(Chopinzinho/PR, 1987)

Jardins, 2018
Técnica: Fotografia com colagem digital
Tamanho: 50 x 75 cm



Fran Favero
(Chopinzinho/PR, 1987)

Jardins, 2018
Técnica: Fotografia com colagem digital
Tamanho: 50 x 75 cm

3.1.3. TAYNÁ ALCÂNTARA

Tayná Alcantara (1992) é artista visual do Rio de Janeiro/RJ. Formada em Fotografia pela Universidade Estácio de Sá (2014) e em Fotografia, Xilogavura e Gravura em Metal, pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage-EAV (2013). Participou da residência artística com André Severo, em Junho de 2021, no Projeto Cultural Lage de Pedra em Canela/RS. A artista tem participado de exposições coletivas no Brasil.

Utiliza técnicas de fotografia híbrida, fotoperformance e manipulação digital em suas pesquisas que têm como ponto de partida a provocação social e reflexão psico-filosófica do ser humano. Utiliza o autorretrato como meio para liberação de suas inquietações.

Para compor o eixo temático *O corpo como representação* foram selecionadas duas imagens. A primeira intitulada *Suturas do Vazio*, da série *Teoria Híbrida*, um trabalho que conforme a artista, busca na produção do autorretrato e da fotografia híbrida a poética “terapêutica” para explicitar a relação entre traumas e curas. A segunda intitulada *Quando me envergonho*, da série *Contos Amargos*, um trabalho que surgiu durante a pandemia do Covid19 no qual aborda as fake news e a vergonha alheia aos negacionistas. A artista diz que: A imagem faz referência à credence popular de que quando o avestruz se sente ameaçado, ele esconde sua cabeça debaixo da terra.”. As imagens devem ser impressas em vários tamanhos.

Obras selecionadas:



Tayná Alcantara
(Rio de Janeiro, 1992)

Suturas do Vazio, 2021
Técnica: fotoperformance e costura.
Tamanho: 53 x 60 cm



Tayná Alcantara
(Rio de Janeiro, 1992)

Quando me envergonho, 2021
Técnica: fotografia com fotomontagem digital.
Tamanho: 90 x 90 cm

3.1.4. VERA CARLOTTO

Vera Carlotto (1962) é artista visual, professora independente e curadora natural de Porto Alegre/RS, onde reside e trabalha. Formada em Fotografia pela Escola Superior de Propaganda e Marketing –ESPM-POA. Estudou na Escola de Artes Visuais Parque Lage, EAV - RJ - Exposições como Meio e Colagem Como Forma de Pensamento; na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS participou do curso Exposições que marcaram história: Vivências e Relatos; no Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS, Fundamentos Sistêmicos de Artes Visuais; Atualmente é pós-graduanda em Práticas Curatoriais pelo Instituto de Artes da UFRGS. Participa regularmente de exposições no Brasil e exterior.

A artista utiliza a fotografia como suporte para sua narrativa poética que trata de suas inquietações diante das coisas do mundo contemporâneo. Interfere na fotografia por meios eletrônicos e ou físicos, buscando se afastar da estética do instantâneo e aproximar-se de novas formas de expressão artística.

Foi selecionado um painel contendo 14 imagens da série *Eu em mim*, realizado entre 2018 e 2022, para integrar o eixo temático *O Corpo como representação*. Nessa série a artista apresenta o autorretrato como catalisador de suas emoções e da busca incessante de experimentações de novos processos de criação e formas de expressões. Para ela, o ato de autorretratar-se e depois manipular digitalmente essas imagens, é derivar para outros caminhos ainda não experimentados, é buscar o novo não só na imagem, mas também dentro de si.

As imagens selecionadas integram uma obra em formato de painel que pode ser impresso no tamanho 100 x 100 cm.

Obra Selecionada:



Vera Carlotto
(Porto Alegre/RS, 1962)

Eu em mim, 2018/2022

Técnica: Fotografia com manipulação digital.
Tamanho: 100 x 100 cm.

3.2. ARTISTAS E OBRAS – Eixo curatorial Memórias e ressignificações

Memórias e ressignificações traz um pequeno recorte sobre narrativas poéticas que buscam através das fotografia de álbum de família, abordar novos significados e representações para essas imagens representam, criando assim um novo lastro para essas memórias.

3.2.1. JULIANA ARRUDA

Juliana Arruda (1971) é artista visual é natural de São Paulo/SP, onde vive e trabalha. Formada em Direito pela PUC/SP (1995). Estudou fotografia na Panamericana Escola de Arte e Design (2013). Pós-graduada lato senso em Arte-Educação pelo SENAC/SP (2021) e Mestranda em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP.

A fotografia expandida é a linguagem principal de seu trabalho. Sua produção artística utiliza práticas híbridas a partir de elementos como foto, vídeo, pintura, bordado e a palavra. Seu trabalho busca formas de ressignificar o olhar e criar resistências através da relação entre a imagem e a palavra, e o tempo contemporâneo e seus efeitos.

Para integrar o eixo temático *Memórias e ressignificações*, foi selecionado o tríptico que compõem a série *De tudo fica um pouco* (2018), um trabalho que traz como poética o álbum de família e a poesia. Nele a artista ressignifica suas memórias, através da manipulação das imagens impressas usando varias técnicas como a bordado, lixa, recortes, costura, queima e escrita. As imagens selecionadas são peças únicas no tamanho de 25 cm x 25 cm e integram um tríptico de 25 cm x 75 cm.

Obras selecionadas:



Juliana Arruda

(São Paulo/SP, 1971)

De tudo fica um pouco, 2018

Técnica: Fotografia digital, impressão com pigmentos minerais sobre papel japonês (Kozo), com recortes, costura, lixa e escrita à mão.

Tamanho: Tríptico 25 cm x 75cm (cada imagem 25 cm)

3.2.2. ROSE AGUIAR

Rose Aguiar (1951) é artista visual e arte educadora natural de Tianguá/CE, vive em Nova Friburgo/RJ. A artista possui Pós-Graduação em Artes, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela UNB ProInfo (2005), Pós-Graduação em Educação Estética UNIRIO – RJ (2004) Lato Sensu de Pós-Graduação – Especialização em Planejamento Educacional – Associação de Educação e Cultura Oliveira Salgado - Faculdades Integradas de São Gonçalo – RJ (1992), Graduação – Formação ao Magistério em Educação Artística – Licenciatura Plena – Instituto Bennett de Ensino/Faculdades Integradas Bennett (1978). Rose tem um largo percurso como artista visual, tendo apresentado seus trabalhos em exposições coletivas e individuais em várias cidades do Brasil, em New York/USA,

Helsinque/FL, Berlin/DE, Milão/IT, Londres/UK, Braga e Lisboa/PT, Paris/FR e Osaka/JP.

Para a compor eixo temático *Memórias e ressignificações* foi selecionada uma imagem, que é resultado de um processo de pesquisa realizado pela artista sobre memórias. A imagem deriva de uma caixa de guardados de sua mãe já falecida, onde Rose encontra entre outras coisas, algumas fotos rasgadas e entre elas uma foto sua. Ela passa a dar um novo significado a essas imagens, a medida em que vai intervindo através de costura, colagem e desenho, criando assim, um novo lastro para suas memórias. Esse trabalho fez parte da exposição coletiva chamada *Coisas de Família*, realizada pela Casa Foto Arte no Carioca Shopping/RJ, em 2022.

Obras selecionadas:



Legenda:

Rose Aguiar
(Tianguá/CE, 1951)

Coisas de Família, 2022
Técnica: Fotografia analógica com
intervenção de costura.
Tamanho: 30 x 40 cm

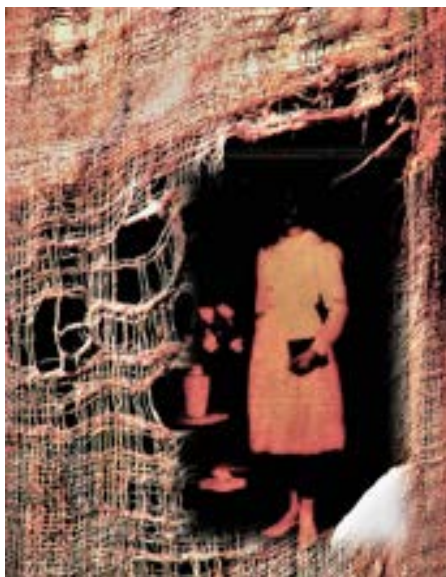
3.2.3. SONIA LOREN

Sonia Loren (1963) é artista visual natural de Chapecó/RS, onde vive e trabalha. Bacharel em Artes Visuais e Especialista em Cinema e Realização Áudio Visual pela Universidade Comunitária Regional de Chapecó/SC. É fundadora e presidente da Adentro - Associação de Artistas Visuais da Região do Oeste de Santa Catarina, desde 2010.

Artista multimeio, desenvolve sua pesquisa em arte através da linguagem da fotografia, onde captura cenas com cortes precisos e cria novas imagens através de interferências digitais, utilização de tinta acrílica, aquarela, rasuras e outros experimentos. Em seu processo investiga as possibilidades de edições de uma mesma imagem até perder a referência de sua realidade. Busca através de sua produção aproximações entre o cinema, a literatura, as memórias afetivas e coletivas, a poética do devir e do pulsar.

Para compor o eixo temático *Memórias e ressignificações* foram selecionadas três obras da série *Daquilo que nos escapa todos os dias pelo resto de nossas vidas*, um trabalho realizado a partir de uma pesquisa em álbuns de fotografias antigas de primeira comunhão e casamentos. Neles são encontradas as imagens que serão trabalhadas através da técnica de fotomontagem e manipulação digital, conduzindo a produção de terceiras imagens. Conforme Sônia, a série busca problematizar o tecido como referência para a promessa de união divina e revela noções de passagem e suspensão de tempo.

Obras selecionadas:



Sonia Loren
(Chapecó-SC, 1963)

Daquilo que nos escapa todos os dias pelo resto de nossas vidas, 2012-2021

Técnica: fotomontagem e manipulação digital
Tamanho: 40 x 50 cm

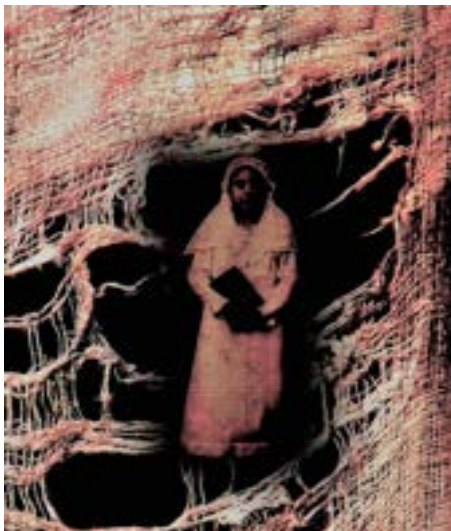


Sonia Loren
(Chapecó-SC, 1963)

Daquilo que nos escapa todos os dias pelo resto de nossas vidas, 2012-2021

Técnica: fotomontagem e manipulação digital

Tamanho: 40 x 50 cm



Sonia Loren
(Chapecó-SC, 1963)

Daquilo que nos escapa todos os dias pelo resto de nossas vidas, 2012-2021

Técnica: fotomontagem e manipulação digital

Tamanho: 40 x 50 cm

3.3. ARTISTAS E OBRAS - Eixo curatorial Outras subjetividades

Outras subjetividades traz obras que apresentam em suas poéticas reflexões que contrapõem discursos sociais que abafam a livre expressão das subjetividades, sonhos e desejos das mulheres.

3.3.1. ANA SABIÁ

Ana Sabiá (1978) é artista visual e pesquisadora independente natural de São Paulo/SP, vive e trabalha em Florianópolis/SC. Doutora em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), mestra em Psicologia Social (UFSC) e graduada em artes visuais pela FAAP (SP). Suas obras já foram

apresentadas em exposições, mostras e festivais em todo o território nacional e em exposições na França e Itália.

A estética surrealista de seus trabalhos apresentam o corpo feminino e auto-representação é tida pela artista como um “processo de compreensão de nós mesmos, enigmas que se enredam no limo que todos conhecemos, que todos ignoramos mas que está na essência da arte.”.

Para compor o eixo temático *Outras subjetividades* foram selecionadas três imagens da série, *Pessoas cinzas normais* (2018), um trabalho que deriva de um desassossego da artista diante do cenário político brasileiro no segundo semestre de 2018, onde partidos amparados em discursos fascistas e conservadores assumiram o governo central do país. Para Ana “As trevas políticas obscurecem os sonhos e provoca sombra nas esperanças.” No trabalho ela utiliza o corpo feminino como potência de força para o enfrentamento dos tempos obscuros. A técnica utilizada na produção da imagens foi a fotografia com manipulação digital e chapas de raio X. As obras podem ser impressas em tamanhos variados.

Obras selecionadas:



Ana Sabiá
(São Paulo-SP, 1978)

Omoplata - Pessoas cinzas normais, 2018
Técnica: fotografia com manipulação digital e chapas de raio X.
Tamanho: 25 x 37 cm



Ana Sabiá
(São Paulo-SP, 1978)

O Torso -Série Pessoas cinzas normais, 2018

Técnica: fotografia com manipulação digital e chapas de raio X.

Tamanho: 25 x 37 cm



Ana Sabiá
(São Paulo-SP, 1978)

A Dança - Série Pessoas cinzas normais, 2018

Técnica: fotografia com manipulação digital e chapas de raio X.

Tamanho: 130 x 100 cm

3.3.2. LÍVIA AULER

Lívia Auler (1990) é pesquisadora e artista visual natural de Santo Ângelo/RS e atualmente vive em Porto Alegre/RS. Graduada em Jornalismo pela PUCRS e em Artes Visuais pela UFRGS, também possui Mestrado em Artes Visuais na linha de História, Teoria e Crítica de Arte pela UFRGS. É uma das fundadoras do coletivo Nítida - fotografia e feminismo, grupo de fotógrafas que pesquisa e discute a presença das mulheres na história da fotografia.

Na sua produção artística utiliza a fotografia, a apropriação de imagens e a colagem digital como processo. Suas abordagens no campo da arte são feitas através de uma perspectiva feminista e sua principal pesquisa, tanto teórica quanto poética, é sobre artistas e representações lésbicas.

Foram selecionadas duas imagens da serie *Postais para outra história da arte, 2018-2020* para compor o eixo temático *Outras subjetividades*. Conforme a artista a série parte de uma investigação teórica sobre a mulher lésbica na história da arte e a percepção de sua invisibilidade e da relativa ausência de fontes no tocante à autorreferencialidade. Para criar tensões em relação a uma narrativa que foi construída majoritariamente por visões masculinas, apropria-se de pinturas feitas por homens, onde aparecem mulheres se relacionando, e sobrepõem fotografias, também apropriadas, de casais de mulheres. Assim busca problematizar as narrativas construídas ao longo do tempo e trazer reflexões e discussões acerca da imagem da mulher lésbica e sobre os lugares que elas ocupam (ou deixam de ocupar) na sociedade contemporânea.

A técnica utilizada na produção das obras é a colagem digital / apropriação de imagens e podem ser impressas em qualquer tamanho.

Obras selecionadas:



Lívia Auler
(Santo Ângelo-RS, 1990).

Postais para outra história da arte, 2018/ 2020
Técnica: Fotografia com colagem digital e
apropriação de imagens.
Tamanho: 62 x 78 cm



Lívia Auler
(Santo Ângelo-RS, 1990).

Postais para outra história da arte, 2018/2020
Técnica: Fotografia com colagem digital e
apropriação de imagens.
Tamanho: 90 x 78 cm

3.3.3. MARLENE REINALDO e ANA CLAUDIA FERNANDES

Marlene Reinaldo (1961) é fotógrafa, artista visual e produtora cultural natural de Santo Antônio da Patrulha/RS, vive e trabalha em Porto Alegre/RS. Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008) e atualmente é pós-graduanda em Práticas Curatoriais pelo Instituto de Artes, na mesma instituição. Possui formação em fotografia pela Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM/POA (2015). A artista investiga processos de criação a partir da fotografia expandida em concriação com a literatura e vídeo.

Ana Claudia Fernandes (1972) é escritora natural de Torres/RS, vive e trabalha em Florianópolis/SC. Graduada em Administração (2016) pela Faculdade Energia de Administração e Negócios e em Letras – Língua Portuguesa (2021), pela Universidade Federal de Santa Catarina. Ana escreve desde 2015 em seu blog *Tua Ana*. Participou de quatro coletâneas, entre elas do Mulherio das Letras, tendo o a mulher e a criança como sua temática principal.

Selecionei para compor o núcleo *Outras subjetividades*, o fotofilme *Menina interior*, um trabalho criado a partir de imagens do ensaio *O Jardim de Janjam* e de textos poéticos da escritora Ana Claudia Fernandes. Nesse trabalho peço emprestada a imagem de minha neta e dou vida a menina interior que habita o corpo de todas as mulheres e que, muitas vezes é abafada por discursos sociais que reforçam estereótipos femininos. As imagens captadas no sul do Brasil e sul da França são sobrepostas criando um espaço/tempo disruptivo por onde a menina passeia encontrando outras subjetividades à alma da mulher. O fotofilme foi realizado utilizando as imagens e locução dos textos poéticos.

Obra selecionada:



Fotografia: Marlene Reinaldo
(Santo Antônio da Patrulha/RS, 1961)

Menina interior, 2022
Técnica: Fotofilme
Tamanho: 120 seg.
Edição e montagem: Marlene Reinaldo

As mãos que a ninaram
Já se foram para outros lados
Chamadas a embalar anjos
Daqui ouço seus gritos extasiados
Mais alto...
Mais alto...
Não é mais a mesma, a mão que balança
Tampouco é a mesma criança
Mas sente-se chegando aos céus
A mão acarinhando a alma
E sua voz doce fundindo-se aos risos:
Mais alto...mais alto...

Textos: Ana Claudia Fernandes
(Torres/RS, 1972)

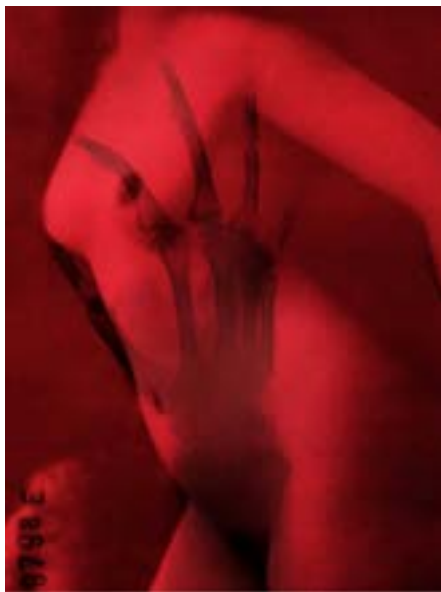
3.3.4. SANDRA GONÇALVES

Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves (1962) é artista visual e pesquisadora natural do Rio de Janeiro/RJ, vive e trabalha em Porto Alegre/RS. Pesquisadora e Professora Titular do Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na área da Fotografia. Artista Visual desde a década de 1990 produz e expõem obras relacionadas à fotografia que possuem, como ponto de partida, a fotografia analógica com temáticas ligada a reflexões sobre o tempo o corpo e o nosso contemporâneo. Participa de Grupo de pesquisa (Lumen/UFRGS) onde se desenvolve pesquisa prático/teórica sobre os processos Históricos de impressão na Fotográfica e produz regularmente artigos sobre fotografia.

Para compor o eixo temático *Outras subjetividades* foram selecionadas duas imagens da série fotográfica *Tudo dança, transmutação (2020/2021)*. Para apresentar o trabalho, transcrevo aqui uma parte do texto de apresentação dessa série. “Essas imagens falam de um passado e de um presente que ainda oprime as mulheres de todas as etnias. Seus corpos nus parecem afrontar as instituições machistas, formadas ao longo da história escrita pelos homens. Aparentam estar presas ao modelo que lhes foi outorgado pelo opressor, mas são livres e o vermelho é também a ira de Lilith (primeira mulher de Adão que, segundo a tradição, no ato sexual se recusou a ficar por baixo de Adão e exigiu os mesmos direitos que ele) contra seus algozes.”

A técnica utilizada na realização das obras é a sobreposição digital de imagens.

Obras selecionadas:



Sandra Gonçalves
(Rio de Janeiro-RJ, 1962)

Tudo dança, transmutação, 2021
Técnica: Fotografia e sobreposição
digital de imagens
Tamanho: 90 x 120 cm



Sandra Gonçalves
(Rio de Janeiro-RJ, 1962)

Tudo dança, transmutação, 2021
Técnica: Fotografia e sobreposição
digital de imagens
Tamanho: 77 x 90 cm

3.3.5. SILVANA MENDES

Silvana Pinto Mendes (1991) é artista visual e educadora nascida e criada na periferia de São Luís/MA. É graduanda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Maranhão e participou da residência artística CUÍÇA, na Lambes Brasil – Niterói/RJ – 2020.

Sua pesquisa aborda questões raciais, de território, políticas de afirmação e busca investigar o cotidiano e a subjetividade do comum, a desconstrução de visualidades negativas e estereótipos impostos a corpos negros, na busca por ressignificar simbologias e narrativas visuais usando como suporte artístico a

colagem, pintura, videoarte e a fotografia.

Para compor o eixo temático *Outra subjetividades* foram selecionadas as *Tassila Custodes*, do projeto *Se eu pudesse te daria meus olhos para você ver como é linda quando eu te vejo*, 2019 e *Mãe Zênite*, do projeto *Truar pelo Levante Trovoa*, 2020. A artista busca com esse trabalho a desconstrução de visualidades negativas em movimentos e corporeidade negras. As fotografias retratam mulheres da comunidade periférica de São Luis/MA e são manipuladas digitalmente com colagens imagens captadas na Internet. Posteriormente, este trabalho é devolvido à comunidade através de lambes que são colados em locais públicos, dando outras visibilidades e subjetividades a imagem da mulher negra. As imagens são impressas em qualquer tamanho.

Obras selecionadas:



SILVANA MENDES

(São Luis/MA, 1991)

Tassila Custodes – Se eu pudesse te daria meus olhos para você ver como é linda quando eu te vejo, 2019

Técnica: Fotografia manipulação digital e colagem.

Tamanho: 75 x 100 cm



SILVANA MENDES

(São Luis/MA, 1991)

Mãe Zênite - Projeto Truar pelo Levante Trovoa, 2020

Técnica: Fotografia manipulação digital e colagem.

Tamanho: 75 x 100 cm

3.3.6. URSULA JAHN

Ursula Jahn (São Sebastião do Caí, RS, Brasil, 1994) atua como fotógrafa e artista visual. É graduada em Fotografia pela UNISINOS (2016). Participou de diversos festivais de fotografia dentro do país e integrou o coletivo Nítida - Fotografia e Feminismo, grupo de fotógrafas que reflete sobre a presença da mulher na fotografia, entre 2019 e 2021. Atualmente atua como oficinaira, ministrando cursos na área da fotografia.

Suas pesquisas práticas e teóricas são marcadas por um viés autobiográfico que aborda a percepção do corpo, a autoimagem, a identidade feminina e as poéticas de processos híbridos.

Para compor o eixo temático *Outras subjetividades* foi selecionado a obra *Autoretrato*, que propõe a expressão de um gesto para a câmera. Um gesto pensado para abordar a situação de invisibilidade da mulher latina, no contexto de uma sociedade machista e patriarcal. Ao dissolver o seu rosto com tinta vermelha, a artista propõem uma reflexão sobre essa invisibilidade que colabora para opressões e violências contra da mulher. A imagem é uma releitura da obra *Pintura Habitada*, de 1975, da artista portuguesa *Helena Almeida* e pode ser impressa em qualquer tamanho.

Obra Selecionada:



Legenda:

Ursula Jahn
(São Sebastião do Caí, 1994)

Autoretrato - releitura da obra
Pintura Habitada - 2021

Técnica: fotoperformance com
manipulação digital
Tamanho: 90 x 90 cm

3.4. EXPOGRAFIA

A expografia aqui apresentada é a utilizada na galeria virtual da plataforma Artsteps. O espaço selecionado é composto por 2 salas de 3 x 9 metros com muitas aberturas, 4 portas e 2 janelas, que ocupam quase toda a parede onde estão localizadas. A sala 1 está localizada na planta abaixo e a sala 2 está localizada a direita. O teto possui uma claraboia de vidro nas duas salas, acima da parede que recebe as obras nas duas salas.

Organizei as obras dentro do espaço por diálogos cromáticos e pelos eixos curatoriais, *O corpo como representação, Memória e ressignificações*, na sala 1 e *Outras subjetividades*, na sala 2. Optei por não usar molduras para dar uma perspectiva de vazamento das imagens no espaço e para não haver interferência de reflexos nos vidros das molduras, devido ao excesso de luminosidade do ambiente e também, pela impossibilidade de ajustar a luminosidade sobre as obras durante o dia.

Com esse conceito de expografia e amarrações em eixos temáticos, podemos pensar que o projeto em questão pode ser apresentado em qualquer espaço físico ou virtual, desde que as obras mantenham os seus diálogos e tamanhos propostos.

A seguir apresento a planta da galeria para visualizarmos como o espaço está articulado arquitetonicamente.



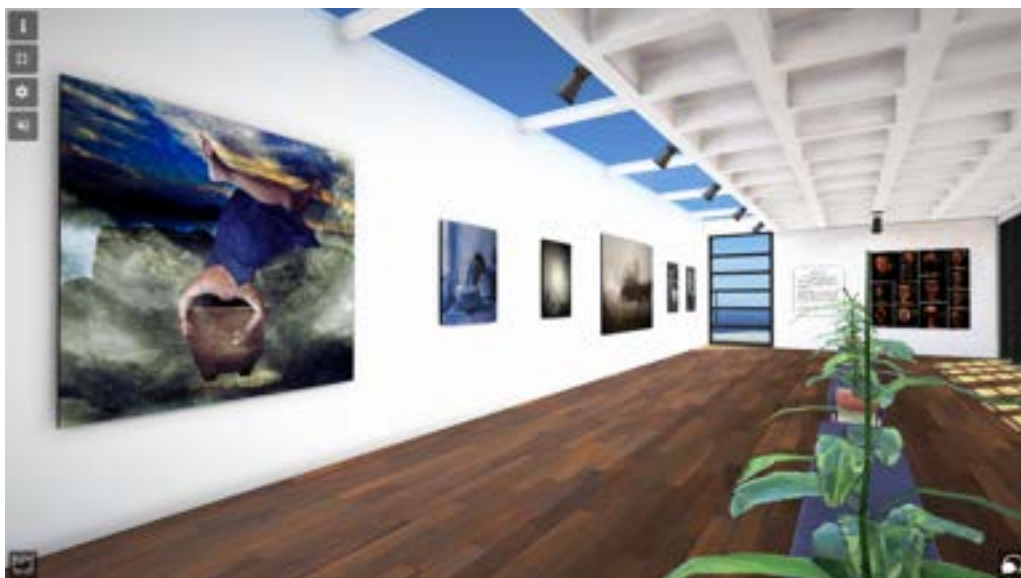
A seguir apresento a expografia dentro do espaço. As imagens retratam como as obras estão colocadas em cada uma das paredes.

Na sala 1, parede à esquerda da porta de entrada está o texto curatorial seguido da obra *Eu em mim* de Vera Carlotto, abrindo a exposição e o eixo temático *O corpo como representação*.



Na parede à direita da porta estão os trabalhos *Jardins* de Fran Favero, seguido pelas obras *Vestígio de um amor imaginário* e *Coragem* de Andréa Seligman e das obras *Suturas do vazio* e *Quando me envergonho* de Tayná Alcantara. As imagens abaixo mostram essa parede vista de dois ângulos.





Nas paredes ao fundo à esquerda estão os trabalhos do eixo curatorial *Memória e ressignificações* com a obra *De tudo fica um pouco* de Juliana Arruda, ao lado da imagem *Coisas de Família* de Rose Aguiar. Na parede ao lado estão as imagens da série *Daquilo que nos escapa todos os dias pelo resto de nossas vidas*, de Sonia Loren.



Na sala 2 estão os trabalhos do eixo temático *Outras subjetividades*. Na parede a direita da porta está o trabalho *Autoretrato - releitura da obra Pintura Habitada*, de Úrsula Jahn. Na parede a esquerda está a TV com o fotofilme *Menina*

interior de Marlene Reinaldo e Ana Claudia Fernandes.

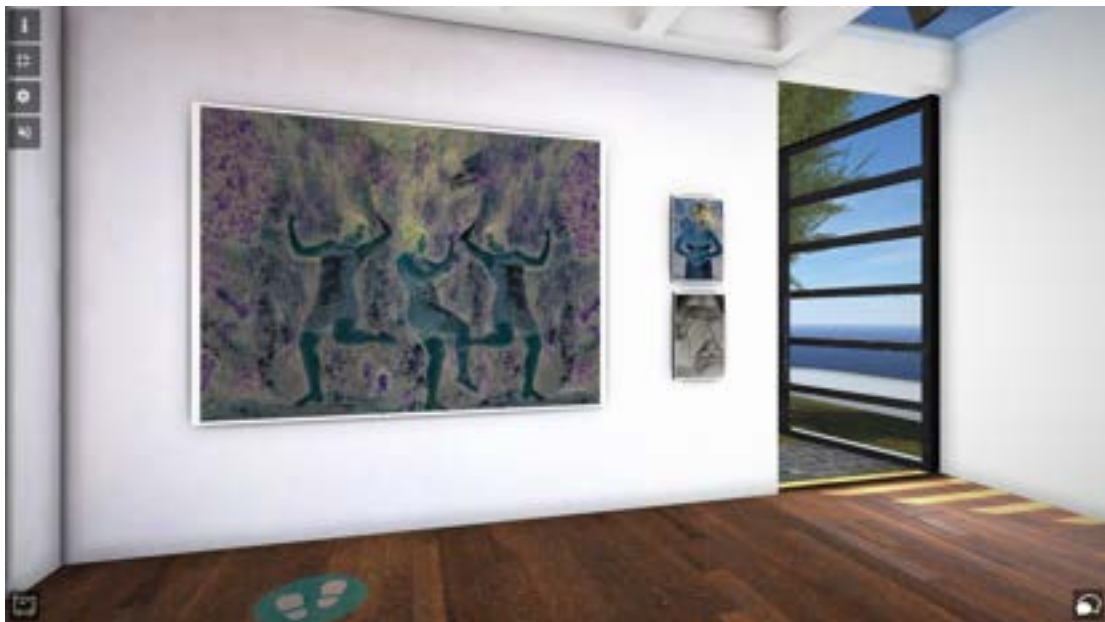


Na parede maior estão as imagens da série *Postais para outra história da arte* de Livia Auler, seguido pelas imagens da série *Tudo dança, transmutação* de Sandra Gonçalves e pelas imagens *Tassila Custodes e Mão Zênite*, de Silvana Mendes. As imagens abaixo mostram essa parede vista de dois ângulos.





Na parede do fundo estão as imagens da série *Pessoas cinzas normais*, de Ana Sabiá, encerrando esse eixo temático.



3.5. PLANO DE DIVULGAÇÃO

Para a divulgação do projeto serão desenvolvidas as seguintes ações: Contratação de Assessoria de Imprensa: será responsável pela confecção e envio de releases e press-kits à Imprensa, pelo agendamento de entrevistas nos veículos de

comunicação, além de produzir conteúdos para o site do projeto e para sites especializados. Também, será responsável pela divulgação através de convite via email-marketing, de todas as atividades do projeto; Contratação produtor de conteúdo de Internet para realização de material a ser divulgado nas mídias sociais, como: Instagram, Twitter, Facebook, TikTok, entre outras.

3.6. ATIVIDADES PARALELAS

Durante o período da exposição virtual serão realizadas palestras e encontros com as artistas no Youtube, do Espaço MAR conforme cronograma e temas:

Cronograma de atividades paralelas		
Mês 1:	Semana 1	Semana 3
	Tema: Fotografia e Arte	Atividade: Encontro com a artista
	Palestrante: Niura Ribeiro	Artistas: Ana Sabiá e Silvana Mendes e Lívia Auler
	Professora e Pesquisadora - PPGAV/UFRGS	Tema: apresentação dos trabalhos da exposição
	Tempo: 1 hora	Tempo: 1h30min
Mês 2:	Semana 1	Semana 3
	Atividade: Encontro com a artista	Atividade: Encontro com a artista
	Artistas: Rose Aguiar, Sonia Loren e Juliana Arruda	Artistas: Sandra Gonçalves, Marlene Reinado, Ana Claudia Fernandes e Ursula Jahn
	Tema: apresentação dos trabalhos da exposição	Tema: apresentação dos trabalhos da exposição
	Tempo: 1h30min	Tempo: 1h30min
Mês 3:	Semana 1	Semana 3
	Tema: O feminismo na América Latina	Atividade: Encontro com a artista
	Palestrante: Amanda Motta Castro	Artistas: Andréa Seligman, Fran Favero, Tayná Alcantara e Vera Carlotto
	Professora e Pesquisadora - FURG	Tema: apresentação dos trabalhos da exposição
	Tempo: 1 hora	Tempo: 1h30min

3.7. DESDOBRAMENTOS

Como desdobramento do projeto curatorial, será realizado um Projeto Cultural de Lei de Incentivo à Cultura, para captar recursos e realizar duas exposições presenciais: uma no Brasil, a princípio na Casa de Cultura Mário Quintana e a outra em Paris-FR, a princípio na Espace Galerie, uma galeria de arte localizada no Bairro Bastille.

3.8. PÚBLICO ALVO

O presente projeto pretende atingir públicos variados de qualquer gênero e idade, como por exemplo: estudantes, professores, profissionais da fotografia e artes visuais, profissionais da rede pública e privada, enfim, toda pessoas que busca ampliar o seu campo de visão, também, através das artes.

4. TEXTO CURATORIAL

A Mulher que habita em nós pretende apresentar um recorte da produção fotográfica conceitual em fotografia expandida, realizada na última década por artistas brasileiras. O projeto curatorial, da curadora *Marlene Reinaldo*, busca traçar um panorama sobre como a mulher artista utiliza a fotografia para tecer abordagens poéticas que atravessam o campo da mulher, a partir de eixos curatoriais. *O corpo como representação* traz imagens que utilizam o corpo da mulher para problematizar questões como: a busca do autoconhecimento, o apagamento dos papéis da mulher na esfera privada, a vergonha alheia, o enfrentamento dos traumas e a busca da cura, entre outras inquietações, que habitam alma da mulher. Já *Memórias e ressignificações* traz um pequeno recorte sobre narrativas poéticas que buscam através das fotografia de álbum de família, abordar novos significados e representações para essas imagens representam, criando assim um novo lastro para essas memórias. E por fim, *Outras subjetividades* traz obras que apresentam em suas poéticas reflexões que contrapõem discursos sociais que abafam a livre expressão das subjetividades, sonhos e desejos das mulheres.

A exposição apresenta trabalhos das artista Ana Claudia Fernandes (RS), Ana Sábina (SP), Andréa Seligman (RS), Fran Favero (PR), Juliana Arruda (SP), Livia Auler (RS), Marlene Reinaldo (RS), Rose Aguiar (CE), Sandra Gonçalves (RJ), Silvana Mendes (MA), Sonia Loren (SC), Tayná Alcantara (RJ), Ursula Jahn (RS) e Vera Carlotto (RS).

5. CONTRIBUIÇÃO AO CAMPO CURATORIAL

A prática curatorial é um dos caminhos para o fomento das artes visuais no Brasil. No momento político atual em que discursos neoliberais se contrapõem à divulgação da cultura, o processo de resistência se dá a partir de projetos que possibilitem a circulação e divulgação do fazer artístico. Nesse contexto, acredito que esse projeto contribui ao campo cultural das artes visuais quando propõem a realização de exposição virtual para apresentação dos trabalhos de fotógrafas artistas, que trazem na poética de suas obras temas sociais e sensíveis particulares às mulheres, contribuindo assim para a abertura do campo às artistas mulheres em contraposição ao que é percebido no mercado da arte contemporânea, onde os homens ainda são os detentores majoritários dos locais de visibilidade e de fala.

Outro ponto relevante desse projeto é a presença dos trabalhos de quatorze artistas naturais de sete estados e com idades entre 28 e 71 anos, que vivem e trabalham nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Maranhão configurando-se como uma amostra do que vem sendo produzido no campo da fotografia expandida por mulheres brasileiras de várias gerações.

Por fim, esse projeto contribui para a criação de plateia, para a divulgação do fazer artístico em fotografia expandida e para abertura de diálogos a temas relevantes às mulheres através da disponibilização gratuita da exposição, de 4 encontros com as artistas e de 2 palestras no site e Youtube do Espaço MAR, na Rede de Internet.

6. CONCLUSÃO

Concluo esse trabalho pensando sobre a importância do conceito curatorial dessa exposição, para a criação de novas reflexões referente a produção artística das mulheres fotógrafas no Brasil e também, por priorizar a artista dentro do espaço

expositivo, um contraponto ao mercado das artes visuais, ainda hoje privilegia majoritariamente aos homens, em detrimento à mulher artista. A exposição busca um recorte pequeno dessa produção atual, mas abre espaço para que as narrativas poéticas apresentadas por cada um dos trabalhos, possam contribuir para questionarmos discursos que subjagam e desrespeitam as mulheres e para que se perceba essa teia de significados e significantes, que dão vasão à mulher contemporânea. Amparo-me nas palavras de Chiodetto, quando ele coloca que :

Toda curadoria é um projeto de comunicação e, portanto, exige do curador um posicionamento político, uma tomada de decisão a respeito de suas crenças e valores. Trata-se da articulação de um discurso ideológico em que são realizadas opções estéticas, conceituais e políticas claras para impactar o público de determinada forma. Não há neutralidade possível e nem se deve almejá-la. Na comunicação com o público, o posicionamento da curadoria deve ficar claro. (CHIODETTO, 2013, pg. 14).

Por fim, o fato da exposição acontecer inicialmente no espaço virtual, corrobora para que os mais variados públicos sejam atingidos e dessa maneira, a divulgação das artistas e suas produções tenha um largo espectro de alcance.

7. REFERÊNCIAS

BOONE, Silvana. **Itinerância como estratégia de conexão entre arte e público: Exposição “Só Lâmina” de Nuno Ramos. 25º Encontro da ANPAP – Arte: seus espaços e/em nosso tempo.** Porto Alegre, 2016. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2016/simposios/s2/silvana_boone.pdf. Acesso em: 06/04/2022.

BOZINOSKI, Mónica. **Body of work: a representação do corpo feminino na arte.** Vogue, Portugal, 2020. Disponível em: <https://www.vogue.pt/representacao-do-corpo-feminino-na-arte>. Acesso em: 12/01/2022.

CHIODETTO, Eder. **Curadoria em fotografia: da pesquisa à exposição.** Livro digital - Prata Design, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://fotoeditorial.com/produto/curadoria-em-fotografia-da-pesquisa-a-exposicao/>. Acesso em: 02/04/2022.

FERNANDES, Rubens Junior. **Processos de Criação na Fotografia apontamentos para o entendimento dos vetores e das variáveis da produção fotográfica.** Revista FACOM - nº 16 - 2º semestre de 2006. Disponível em: https://www.faap.br/REVISTA_FAAP/REVISTA_FACOM/facom_16/rubens.pdf. Acesso em: 05/11/2021.

FERREIRA, José Junior. **Um olhar sobre a fotografia feminista brasileira contemporânea.** SCIELO Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/ffJ7g8dytXv94Y8QgYmyHFd/?lang=pt#>. Acesso em: 13/01/2022.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** Edições Loyola, São Paulo, 1996.

SANT'ANNA, Caroline Vieira. **A fotografia contemporânea no Brasil: Uma leitura da identidade étnico-racial brasileira em Eustáquio Neves.** Salvador,

2007. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10595>. Acesso em: 05/11/2021

ZERWES, Erica; COSTA, Helouise. **Mulheres Fotógrafas/ Mulheres Fotografadas – Fotografia e gênero na América Latina**. Editora: Intermeios, São Paulo, 2021.